

O Trabalhador

ANO V

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa
15 DE OUTUBRO DE 1938

Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascimento, L.^{da}

Redacção e Administração: R. Capelo, 5 — 2.^o, Esq.
QUINZENÁRIO — Avulso \$30

N.º

Palavras leais

Não é raro queixarem-se-nos os patrões de que acreditamos com demasiada facilidade nas queixas dos operários, que, a maior parte das vezes são exageradas, e não damos ouvidos aos patrões, que, muitas vezes, se têm em sérias dificuldades para poderem manter os seus operários. Acrescentam ainda que não elhamos para o que fazem os operários, para a maneira injusta como tantas vezes procedem.

Não queremos deixar ficar estas queixas patronais sem uma explicação.

A longa prática que nos deram estes anos de luta em prol dos operários levou-nos à seguinte conclusão: há muitas queixas exageradas; — oitenta por cento das queixas são, porém, justas; — as queixas não representam mais de 20 a 30 por cento dos casos em que deveriam queixar-se.

Há queixas exageradas. Sem dúvida, cada qual é levado a exagerar os seus direitos por natural fraqueza humana. Muitas vezes o despeito, o sentimento da vingança, uma pontinha de ódio, uma má compreensão daquilo que lhe pertence, impele também tantos operários a saírem fora da recta razão, a reclamarem o que não deviam pedir, a falsearem um tanto a verdade dos factos e as intenções das pessoas. Temos visto isto tudo, temo-lo reconhecido.

Que os patrões, isentos destas pechas humanas, lhes atirem a primeira pedra!

Oitenta por cento das queixas são, porém, justas. Tão habituados andavam os nossos operários da provincia a humilhações constantes, a de tal maneira se verem tratados e pagos, que achavam natural irem-se calando. Quando falam, é quasi sempre animados pelo que vêm os outros fazer e pelo cansaço de tantas injustiças. No fundo, das queixas que nos têm vindo parar às mãos — e são muitas e muitas centenas delas por ano — pelo menos oitenta por cento estão cheias de razão. Triste sintoma é este. Antes pudéssemos dizer que todas as queixas são mentiras.

Devemos ainda acrescentar que nem em 20% dos abusos que se cometem os operários se queixam.

E muitas vezes o quasi sempre, o medo de serem castigados, de serem despedidos, de se vir a descobrir quem acusou que leva os pobres explorados a sofrerem em silêncio o seu desespero!

Quantas das queixas enviadas à nossa redacção nos vêm por intermédio de pessoas que não são as interessadas! E quantos estão sofrendo sem que nunca se saiba o que sofrem!

Por isso, quando os patrões se nos queixam da nossa extrema credulidade, encolhem os ombros. Também os patrões são tão facilmente exagerados nos seus direitos...

Um exame de consciência antes de protestarem contra nós, talvez melhorasse em muito a situação.

E era tão fácil melhorá-la! Um pouco mais de boa vontade, um pouco mais de respeito pela dignidade humana dos trabalhadores, um pouco mais de coração, remediariam tanta coisa, poriam cõbro a tanta injustiça!

E, se além disto tudo, houvesse na entidade patronal a consciência católica; se vissem no seu operário um verdadeiro irmão em Cristo, ou melhor, o próprio Cristo a trabalhar e a sofrer, nós juramos que as queixas desapareceriam.

E isto que nos dita a nossa lealdade. Não queremos enganar ninguém. Seremos os primeiros a repreender os operários quando procedem mal, quando exageram, quando mentem.

Mas não podemos suportar que lhes neguem justiça, quando estão com carradas de razão.

A. V.

Para um Portugal maior

Eis para o que actualmente trabalham todos os portugueses que se prezam de serem cidadãos com verdadeiro sentimento patriótico.

Portugal atravessa um período de pleno desenvolvimento.

Todos os seus filhos desde o operário mais humilde ao maior intelectual, desde o habitante da aldeia mais escondida ao da cidade mais civilizada; guiados pela formidável inteligência dos seus dois grandes chefes — Carmona e Salazar — têm a laboriosa tarefa de fazerem de Portugal grande, um Portugal maior ainda.

Os portugueses da Metrópole assim como os do Vasto Império Colonial ardem na mesma fé e no mesmo patriotismo.

Portugal foi sempre o pioneiro da civilização.

Houve épocas em que o seu prestígio era fortemente abalado, mas logo vinham outras em que a sua grandeza era restabelecida. Antes do Estado Novo estava-se em período de franca decadência. Na altura em que chegava a ruína, apareceu um homem milagroso que tudo salvou.

Esse homem foi Salazar, um dos maiores estadistas que até hoje Portugal tem conhecido.

Prestemos pois homenagem de verdadeiro reconhecimento a esse homem que tanto tem feito para bem do país e dos seus filhos, principalmente dos operários, que são os alicerces da nossa querida Pátria — o nosso lindo Portugal.

João Evangelista

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, vemos-nos obrigados a retirar, como tem acontecido muita vez, bastante original. É um mortório constante que nos apouquento e inquieto.

Quando nos veremos libertos deste pesadão?

Quando vós quiserdes, prezados camaradas, isto é, quando tiverdes conseguido que o nosso e vosso tão querido jornal possa, sem se empenhar, aumentar o seu formato ou tornar-se semanal.

EM DEFESA DOS SINDICATOS

Um das causas fundamentais do pouco interesse que os Sindicatos Nacionais têm despertado à grande maioria do operariado português é a ineficácia da sua acção. Há Sindicatos que não têm trazido dos seus sócios nenhuns vantagens, a-pesar-de estarem constituídos há tempo suficiente para se poder fazer sentir que existem.

A culpa não a podemos atribuir exclusivamente às suas direcções, mas a muitos e variadas circunstâncias que impedem a actividade dos dirigentes.

Não se tomaram ainda medidas nenhuma de ordem geral que dêem aos operários sindicalizados garantias de estabilidade no trabalho, preferências de colocação, etc. O que está legislado tanto beneficio os que estão sindicalizados, como os que nada se sacrificam pelo Sindicato. É natural que, nestas circunstâncias, o operário não se sinta atraído para a sua organização profissional.

Acrescentaremos a tudo isto a impossibilidade em que estão muitos sindicatos de fazerem cumprir os leis existentes sobre o trabalho, ou de prestarem efectivo apoio às reclamações que os seus sócios lhes apresentam.

Como não queremos falar no ar, vamos a casos concretos.

Escreve-nos o Secretário da secção de Crestuma (Gaia), do Sindicato Nacional dos Operários metalúrgicos do Distrito do Porto, a carta que se vai ler:

«Em Crestuma, as fábricas transgridem diariamente o horário de trabalho. Pede-se fiscalização ao I. N. T. P. e diz o Delegado que a não tem.

«A maior parte das fábricas ainda não deram as suas férias anuais correspondentes ao ano de 1937 e este ano vão pelo mesmo caminho. Temos pedido fiscalização sobre o assunto e nada nos tem valido, porque não há verba para as despesas de deslocação dos fiscais. Precisávamos de ver fiscalizados sobretudo as fábricas de Jerónimo Pinto de Paiva Freixe e a «Fundição e Metalurgia», mas nem essas puderam ser ainda fiscalizadas.»

É evidente que, nestas condições, não há sindicato que resista a uma campanha qualquer, por mais incoerente que seja. Mas... citemos outro caso:

Sr. Director:

Existe neste capital de Distrito (Bragança) uma casa que se encontra fechada 364 dias por ano. Abrem as portas raros domingos para colocarem uma bandeira a flutuar ao vento, nos fechamentos imediatamente. O único dia por ano em que tem os portos abertos é o 1.^o de Maio. Chamam a esta Casa «Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Bragança». Os sócios não pagam cotas por não haver nem cobrador nem cobrança. A Direcção não existe, ou, pelo menos, nem sequer foi eleito este ano, limitando-se por isso àquele que vai aos domingos hostear a bandeira.

«Os operários estão muito descontentes e pedem providências, para que se ocuda àquele Sindicato que tanto custa a erguer.

Não pretende o Estado Novo a sindicalização legal dos operários? Porque se deixa assim cerca de 200 homens da sede do Distrito, ao abandono?»

(com assinatura)

Não fazemos mais comentários. O que aí fica não precisa deles. Iremos, porém, continuando esta campanha em favor dum organização que com merecia melhor sorte.

OPERÁRIOS FERRO-VIÁRIOS

Sabemos que estão em estudo activo os graves problemas que afectam a situação dos operários e empregados ferroviários de algumas das Companhias que, como a de Vale do Vouga, tem as coisas muito fora dos eixos.

Vamos a ver se podemos, em breve, ter noticias agradáveis para dar neste capítulo.

Fiscalização do trabalho

Chovem na nossa mesa de trabalho as reclamações de cada vez mais numerosas protestando contra a falta de cumprimento do horário de trabalho em muitas sedes de concelho e em vastas regiões do país.

Seria longo enumerar todas as localidades em que nos dizem não se respeitar nem o horário de trabalho, nem o descanso semanal.

Tendo pedido providências junto de alguns Ex.^{mos} Delegados do I. N. T. P., tem-nos sido declarado que a verba de que dispõem para o transporte dos fiscais do Trabalho é insuficiente para acudir às mais urgentes necessidades.

Pedimos providências no I. N. T. P. e de lá informam-nos de que não têm possibilidades de modificar a situação porque são verbas atribuídas pelo Fundo do Desemprego e este está dependente de outro Ministério.

Não temos desanimado nas nossas diligências, mas acabamos de saber que não se podem fiscalizar as fábricas, porque a verba destinada à deslocação dos fiscais não são não foi aumentada, como nem sequer foi mantida, tendo sofrido um rude corte nestes meses.

Pedimos urgentes providências a quem de direito para que tão anormal situação se modifique quanto antes. Não são apenas os operários os prejudicados. O próprio interesse do Estado está em causa, pois deixam assim de entrar nos seus cofres muitas centenas de contos que uma fiscalização rigorosa arrecadaria.

É tão razoável o pedido que fazemos, que nem sequer nos atrevemos a formular votos para que a nossa voz seja ouvida.

Minas da Panasqueira

Queremos informar os nossos prezados camaradas das Minas da Panasqueira que estamos agora muito esperançados em que a sua situação moral e material nas Minas vai melhorar.

Temos feito muitos esforços nesse sentido e mal vai se, em breve, não há novidades a dar e dos boás.

Portanto, mais um pouco de paciência, que tudo se há-de conseguir com a ajuda de Deus.

UM AVISO

Muitos dos nossos assinantes escrevem-nos às vezes e esquecem-se de pôr bem claro a sua direcção. Outros até se esquecem de assinar as suas cartas.

Ora isto só pode prejudicar os que nos escrevem, porque assim não lhes podemos responder, embora mandem selo para a resposta.

Pedimos, por isso, todo o cuidado em assinar com clareza as suas cartas, pondo também bem clara a sua direcção.

Aquele que é vítima de uma injustiça, tenha confiança em Deus, Deus o vingar, mais cedo ou mais tarde.

NOVOS DEPUTADOS

Foi publicada a lista dos novos postos pela União Nacional (já apresentada) a candidatos a Du da Nação.

Figuram nela 35 novos deputados a par de nomes que, para nós, a garantia de que os assuntos que teressam vão ser tratados com há nomes cuja inclusão no listado nos causou verdadeira

Citamos, entre outros: Dr. I. nho Sanches, o médico muito que Liga Operária Católica, em Lisboa à causa do nosso movimento te todo inestimáveis serviços, com a dicação a que queremos prestar homenagem; Dr. António de o amigo de sempre e illustre prof. Escola Superior Colonial; Dr. Ma sa Vanzeller, médico distintíssimo rito culto de mulher portuguesa tem consagrado com brilho inu problemas sociais; Dr. Luis l amigo dedicado do jornismo, etc.

Mas o nome que mais nos e mou, ao vê-lo figurar entre o deputados da Nação, foi o do no to querido redactor principal, o Trabalhadora, que tem consagra a sua inteligência e do seu cora de seus artigos vibrantes d e de fé, ao muito que tem fei das autoridades corporativas em operários, deve o nosso jornal to rinho, todo o entusiasmo e a gra siedade com que é acolhido por de milhares de operários.

Sentimo-nos honrados e or com a escolha! Como nós, sentiram igualme brar-lhes a alma tantos operárie têm apressado a manifestar ao nêl o seu entusiasmo.

As eleições realizam-se em 30 tubro. É preciso que o operariado MASA VOTAR no dia 30, por mostrar quanto reconhecimento no alma por haverem sido escolhi ra deputados homens que, para u uma garantia, e uma esperança l lhores e das mais consoladoras.

Tudo, portanto, à urna em 30 rente, que novas esperanças se e no céu de Portugal!

Uma explicação neces

Pedem-nos vários operários o expliquemos o que vem a ser o los salários mínimos que foi pu há pouco. E desejam sobretudo: aquêle decreto estabeleceu salári

Vamos então explicar.

O decreto a que se referem, e publicado no nosso número de h sume-se nisto: dá ao Ex.^{mo} Sub- das Corporações autorização pag ler os salários mínimos nesta o indústria onde se estejam a pag rios baixos de mais. Os salários i são depois estabelecidos por Desp. Sub-secretaria e obrigam as indú que dizem respeito.

Os que pensam que o decreto tabelar os salários mínimos para t, tão em erro.

Os salários não podem, de um ra o outro, em muitas indústrias, vados à matroca. É necessário para cada caso, as possibilidades dústrias, não se vá, com a ideia e ficiar os operários, prejudicad nando a entidade patronal. E q os os salários são estabelecidos i por indústria.

Aquêles que não tiveram am Despacho a beneficiá-los não des Esperamos que a todos há-de e vez.

Com o amor dos seus ini venceram os primeiros crisi paganism e liquidaram a es tura.